

IMAGEM, TECNOLOGIA E RELIGIÃO: LIMITES DA AUTONOMIA EM EAD

*Cássia Lourdes Paradella**

As reflexões de Rubem Alves acerca da religião apontam para além do mundo físico, do imaginário e da utopia, parecem romper com os dogmas religiosos históricos e também os científicos no sentido de uma coisa maior – uma possibilidade de autonomia. Uma vez que Rubem Alves evoca o homem como ser capaz de exercer escolhas, capaz de transformar sua história e sua realidade.¹ Desenvolver essa temática torna-se um desafio diante de uma realidade na qual a técnica e a ciência prevalecem sobre a criatividade, sobre o desejo e o sonho; a religião se torna objeto de consumo, assim como a educação que privilegia a técnica e a preparação para inserção do educando no mundo produtivo.

Dessa forma, questionar o homem como ser histórico, inserido em uma realidade que cultua a imagem, a domesticação por meio das mídias, o supérfluo, o passageiro (Guy Debord e Jean Baudrillard), parece pertinente na medida em que Rubem Alves não apenas analisa a religião, a educação e o homem, mas critica a ciência e a educação marcada pela técnica e, portanto, domesticadora. Ao mesmo tempo, apresenta uma nova forma de ver as mesmas coisas, o homem como ser de sonho, de desejo; a religião como uma linguagem da esperança e a educação que ultrapassa moldes e gaiolas. Nesse horizonte situa o homem histórico, uma experiência que pressupõe autonomia, mas de que autonomia se fala?

Diante disso, questões diversas emergem, especialmente, no contexto da educação à distância: Em que aspectos a exacerbação da imagem pode ser um limitador da autonomia na EAD? Como compreender a educação à distância frente ao desafio das tecnologias de comunicação e informação, no que se refere à autonomia e a reflexão crítica? Como e se a imagem, a técnica e a religião limitam o desenvolvimento da autonomia do educando? Como objetivo norteador esta proposta diz respeito à busca pela compreensão da autonomia implícita e necessária, no ensino a distância, notadamente de graduação desenvolvidos em instituições de ensino superior, públicas e privadas. O ponto de partida pressupõe as reflexões de Rubem Alves acerca da religião, da educação e da ciência, especificamente, sua crítica à técnica.² No mesmo sentido pretende-se abordar os conceitos de imagem a partir de Guy Debord e de técnica, a partir de Jean Baudrillard. Para tanto, surgem questões como objetivos específicos: Identificar nos estudos de Rubem Alves, seus apontamentos acerca da educação que ultrapassam a técnica, em busca da educação dos sentidos; Compreender de que forma os elementos imagética e religião, interferem no processo de formação autônoma do aluno adulto e os limites da autonomia implícitos pela EAD; Analisar até que ponto os princípios que norteiam a educação à distância colaboram para o desenvolvimento da autonomia do graduando.

Questionar os possíveis limites que a educação à distância apresenta em relação à autonomia do educando, em cursos de graduação nessa modalidade, parece uma oportunidade ímpar de analisar a educação, como ambiente favorecedor de mudanças ou mesmo rupturas com a

* Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: cizai2002@yahoo.com.br.

¹ ALVES, Rubem. *Da esperança*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1987a.

² ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999b.

tradição. Rubem Alves reflete sobre os modelos educacionais e as demandas sociais, ultrapassa a técnica, os moldes, a domesticação, se volta para uma educação que privilegia o exercício do pensar, em detrimento da repetição. Uma educação provocadora e, ao mesmo tempo, que reformula a forma de olhar, uma educação das sensibilidades, que exerce encantamento e estimula a curiosidade, o desejo de aprender, de buscar, de compreender e de pensar o mundo, ou seja, do pensamento autônomo.³

Da mesma forma, analisar o contexto da educação à distância a partir do conceito de imagem abordado por Guy Debord, torna-se pertinente, uma vez que sua reflexão crítica perpassa o cenário da atualidade em relação às imagens, e a espetacularização da sociedade. Nesse sentido esboça a dissolução da autonomia, ou seja, o homem perde sua capacidade de pensar, de criar e de agir e tece análises críticas sobre as manifestações espetaculares constantes das sociedades modernas. Para ele, tempo e espaço se tornam virtuais, e dessa forma, perdem sua configuração inicial; e mais que isso, transforma a vida em uma representação ilusória. Afeta, desse modo, as relações sociais de forma que passam a ser mediadas pelas imagens. Analisar, portanto, sua obra, em relação à educação à distância, a utilização de meios virtuais para aprendizagem, pode contribuir para ampliar reflexões acerca da autonomia do aprendiz, ou da ausência da mesma, pois para Debord, na medida em que a imagem toma conta dos espaços e representações, ela desestimula o pensar, torna o ser alienado.⁴

O mundo passa a ser regido por imagens, e são elas que mediam as relações entre os homens, pois, “Onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico”⁵. Dessa forma, as imagens perpassam as relações sociais, ou seja, as relações sociais mediadas pelas imagens configuram o espetáculo. O espetáculo não é a soma das imagens, mas justamente o resultado de relações que tem como mediadoras as imagens. A realidade assim transformada, portanto, não é mais realidade, mas o espetáculo “como inversão concreta da vida”⁶. Portanto, a sedução exercida pelas tecnologias de informação e comunicação, pode transformar a educação (à distância), de maneira a torná-la um meio de perpetuação, voltada apenas para a reprodução de conteúdos, em detrimento da emancipação do pensamento autônomo.

Importante também, analisar a perspectiva de Jean Baudrillard, em relação à tecnologia, uma vez que as imagens mediam a relação entre as pessoas. Sua reflexão lança críticas acerca do domínio da imagem, do princípio de uma realidade irreal. Para Baudrillard, a imagem relativa ao mundo se transfigura em hiper-realidade, de forma que o significado torna-se uma transparência anulada na banalidade, servidora da cultura tecnológica e incapaz de oferecer resistência. A repetição das imagens pelas mídias banaliza e, ao mesmo tempo, cria uma hiper-realidade, que contagia os arredores, de maneira promover uma indiferença disseminada. Existe dessa forma, uma ditadura das imagens que é irônica.⁷ A hiper-realidade é o resultado da combinação de modelos que habitam um “hiperespaço sem atmosfera”⁸, uma vez que a imagem não se configura em cópia da realidade, mas a representação de uma ausência e, portanto, simulacro. Aponta quatro fases referentes à imagem: a primeira como um reflexo enraizado, profundo; a segunda descrição se refere a uma imagem que falseia a realidade; na terceira fase a imagem dissimula a inexistência do real; e na quarta fase ela é o simulacro, pois não apresenta qualquer relação com a realidade. Em cada uma das fases sofre transformações a partir da realidade, para parecer com algo que possibilite sua identificação. Para ele, dissimular é “fingir não ter o que se tem. Simular é fingir o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência.”⁹

³ NUNES, Antônio Vidal. *Corpo, linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves*. São Paulo: Paulus, 2008.

⁴ DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

⁵ DEBORD, 1997, p. 19.

⁶ DEBORD, p. 14.

⁷ BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total. Mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997a.

⁸ BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa, Relógico d'Água editores: 1991b, p. 8.

⁹ BAUDRILLARD, 1991b, p. 9

Nesse contexto, visando compor o quadro teórico-metodológico desta proposta, opta-se pelos conceitos de Antonio Carlos Gil, no que se refere aos procedimentos para elaboração de pesquisas exploratórias e descritivas. Pois envolve levantamento bibliográfico - estudos realizados por Rubem Alves, Guy Debord; e Jean Baudrillard, relacionados à educação, à religião, à imagem e às tecnologias de informação e comunicação. Envolve também a elaboração de entrevistas, questionários e a análise de dados, com vistas a promover esclarecimentos acerca da educação à distância em instituições públicas e privadas. De acordo com Gil,

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. [...] essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. [...] essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’ (Selltiz et al., 1967, p. 63).¹⁰

Com vistas a subsidiar os objetivos deste projeto, opta-se também por desenvolver uma pesquisa que tenha caráter descritivo, pois “[...] são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, [...]”¹¹. Pretende-se ainda que esta pesquisa seja qualitativa, uma vez que se pretende entrevistar professores tutores em EAD, em instituições públicas e privadas de ensino superior, localizadas na Região Metropolitana de Vitória, Espírito Santo. Pretende-se esboçar um recorte temporal que vai desde a criação da Secretaria de Educação à Distância, em 1995, visando a ampliação de oportunidades de acesso ao ensino, inclusive em locais de difícil acesso até os dias atuais, no que tange ao desenvolvimento da EAD. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional¹², de 1996, as instituições de ensino iniciam estruturas para viabilizar a oferta do ensino de graduação e especialização, entre outros, por meios virtuais de aprendizagem e, de acordo com José Moran:

A partir de 1998, observa-se um crescente envolvimento de Instituições de Ensino Superior com cursos de educação a distância. [...] Por outro lado, de acordo com estudos do Centro de Informática Aplicada da Fundação Getúlio Vargas, estima-se que o Brasil tenha cerca de 40 mil alunos matriculados em cursos superiores a distância, sendo que destes, pelo menos 39 mil participam de cursos para formação de professores. Estes números incluem cursos de graduação, de Pós-Graduação (principalmente Especialização) e de Extensão.¹³

Nesse sentido, o Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil, realizado em 2015, promovido pela Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED, reforça a tese de que os cursos de licenciatura são os que apresentam maior número de matrículas, ou seja, 148.222 (licenciaturas); e 134.262 (mistas = licenciatura e bacharelado). Em relação à faixa etária, o censo aponta para maior incidência de alunos com idade entre 31 e 40 anos para cursos à distância e, para educação presencial entre 21 e 30 anos.¹⁴ Apesar do relevante crescimento das instituições que promovem EAD, não significa necessariamente que apresentem metodologias inovadoras e estimuladoras da autonomia, pois, de acordo com Moran:

¹⁰ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002, p. 41.

¹¹ GIL, 2002, p. 42.

¹² BRASIL. *Ministério da Educação*. Lei nº 9394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Dez. 1996.

¹³ MORAN, José Manuel. *A educação superior a distância no Brasil*. (Pesquisa sobre a EAD no ensino superior brasileiro feita em 2002 e publicada em SOARES, Maria Susana A. (Org.) *A Educação Superior no Brasil*. Brasília, CAPES-UNESCO, 2002. Pg. 251-274). Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/eadsup.pdf> Acesso em 28 abr. 2017.

¹⁴ Censo EAD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2015 = Censo EAD.BR: Analytic Report of Distance Learning in Brazil 2015/[organização] ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância; [traduzido por Maria Thereza Moss de Abreu]. Curitiba: InterSaberes, 2016, p. 44.

Muitos cursos são previsíveis, com informação simplificada, conteúdo raso e poucas atividades estimulantes e em ambientes virtuais pobres, banais. Focam mais conteúdos mínimos do que metodologias ativas como desafios, jogos, projetos. Alguns materiais são inferiores aos que são exigidos em cursos presenciais.¹⁵

Isso leva a crer em possíveis entraves quanto à qualidade do ensino, a integração do currículo de cursos presenciais com o currículo dos cursos à distância; as metodologias, o desenvolvimento do pensamento crítico, ou melhor, de promoção da autonomia. Diante desse cenário, emergem questões pertinentes à EAD, pois ao utilizar meios virtuais, entremeados por imagens, pode de certa forma, limitar a autonomia do educando. Ou mesmo desestimular a capacidade de desenvolvimento criativo e pensamento crítico, uma vez que as imagens refletem a realidade, e se tornam elas mesmas uma ausência do real. Ou seja, ao mesmo tempo em que a EAD facilita e amplia o acesso à educação formal, também pode ser um instrumento de perpetuação de modelos educacionais baseados na reprodução.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Da esperança*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1987a.

_____. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999b.

BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total: Mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997a.

_____. *Simulacros e Simulação*. Lisboa, Relógico d'Água editores: 1991b.

BRASIL. *Ministério da Educação*. Lei nº 9394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Dez. 1996.

CENSO EAD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2015 = Censo EAD.BR: Analytic Report of Distance Learning in Brazil 2015/[organização] *ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância*; [traduzido por Maria Thereza Moss de Abreu]. Curitiba: InterSaberes, 2016.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto: 1997.

MORAN, José Manuel. *A educação superior a distância no Brasil*. (Pesquisa sobre a EAD no ensino superior brasileiro feita em 2002 e publicada em SOARES, Maria Susana A. (Org.) *A Educação Superior no Brasil*. Brasília, CAPES - UNESCO, 2002. Páginas: 251-274). Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/eadsup.pdf. Acesso em: 28 abr. 2017.

NUNES, Antônio Vidal. *Corpo, linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves*. São Paulo: Paulus, 2008.

¹⁵ MORAN, 2013.